

Santiago Macias

DUARTE DARMAS *do calvino* ao drone



FICHA TÉCNICA

TÍTULO
Duarte Darmas: do cálamo ao drone

TEXTO
Santiago Macias
Fernando Branco Correia (Elvas)

FOTOGRAFIAS
Santiago Macias
Daniel Capa (drone)
Orlando Fialho (Carmo, p. 88 e brasão, p. 89)
Alberto Frias (Criptopórtico, p. 66)
Rui Ferreira (Castelo, p. 88)

DESIGN GRÁFICO
TVM Designers

IMPRESSÃO
Gráfica Maiadouro

TIRAGEM 1500 exemplares
DEPÓSITO LEGAL 491428/21

EDIÇÃO
MultiCulti – Culturas do Mediterrâneo

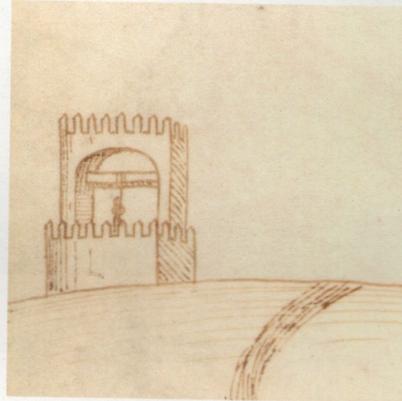
© MultiCulti 2021



ELVAS

Divisa-se com alguma dificuldade o que Duarte Darmas representou da cidade de Elvas. O crescimento da urbe, ao longo dos séculos, e a construção das fortificações pós-Restauração alteraram, de modo sensível, o perfil do sítio.

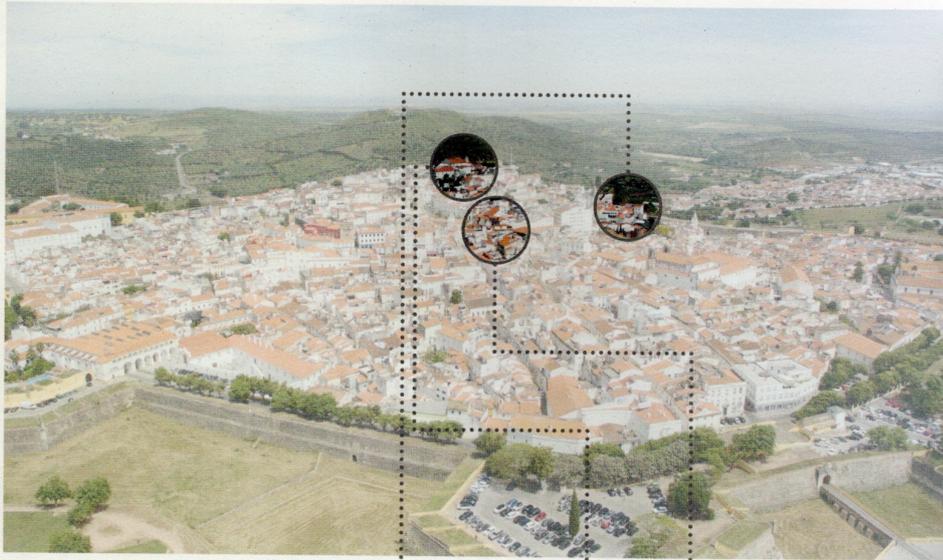
O desenhador de D. Manuel representou uma cidade cingida pelas muralhas e sem arrabaldes extramuros. Uma parte do que nos mostrou continua a ser identificável, outros elementos, entretanto desapareceram, levados pelo crescimento da cidade. Na vista tomada a partir de sul, vemos duas cinturas de muralhas, a segunda cerca muçulmana e a «cerca nova» ou «fernandina» (Correia, 2013: 175-185).



A mais recente envolve toda a cidade de então, estendendo-se até ao Convento de São Domingos, que ainda ficava intramuros. Para além de um sistema defensivo bem identificado, com a sua barbacã vemos a torre do relógio e uma outra identificada como «igreja moor». Esta última corresponde, na realidade, ao que restava da almenara da mesquita de Elvas (Correia, 2013: 78-82), desaparecendo apenas no século XVIII (Jesuino, 2016: 197-198). Quanto ao relógio da cidade, sabe-se que se localizava junto do edifício do concelho, sobre uma torre da *porta de Santiago* ou *Arco do relógio* – como se conhecia no século XV (Correia, 2013: 168, 290-292). Toda esta zona sofreu profundas alterações com a abertura da praça manuelina hoje conhecida como Praça da República.

As mesmas estruturas se veem, com diferente perspetiva, na vista a partir de norte. A qual corresponde, na verdade, a uma imagem tirada de este ou de nordeste. No limite direito da imagem reconhece-se a ermida da Santa Maria da Graça, cujo local foi depois tomado por um forte, que ainda hoje marca a linha do horizonte (Jesuino, 2016: 56-58). A meia encosta, nesse mesmo cerro havia um calvário, entretanto desaparecido. No limite sudeste da cidade localizava-se o Convento de São Domingos, iniciado na segunda metade do século XIII, do qual é ainda bem visível a cabeceira gótica da igreja (Correia; 2013; 277-280; Jesuino, 2016: 186-187). Mesmo as muralhas, que circundavam a cidade foram ficando ultrapassadas, ora pela construção das novas fortificações, ora pela necessidade de expansão da cidade.

*Elvas tirado natural, da banda do sul.
Alcaide pequeno João Rodrigues Cabeçalvo*

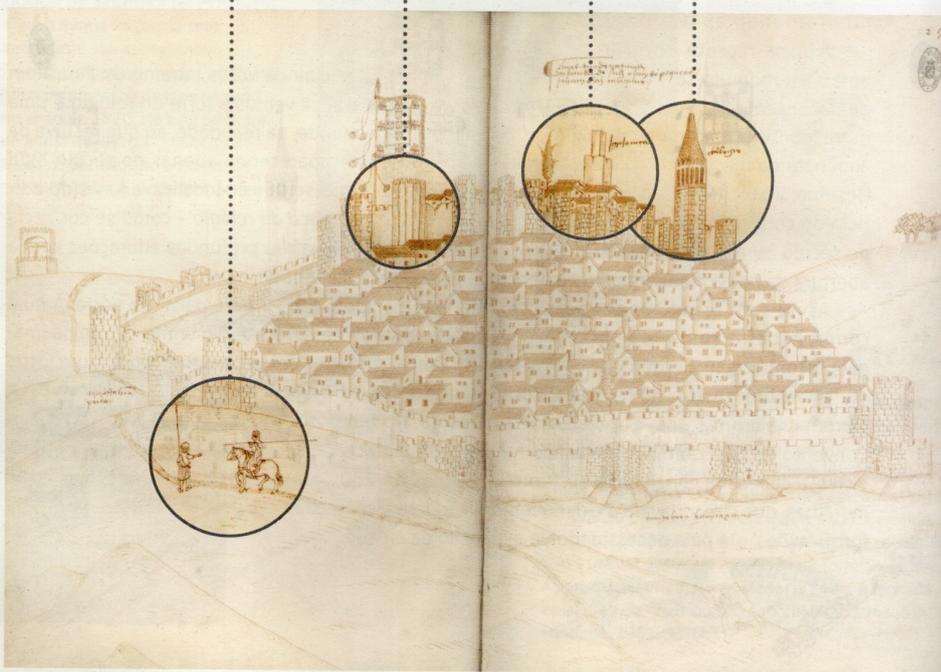


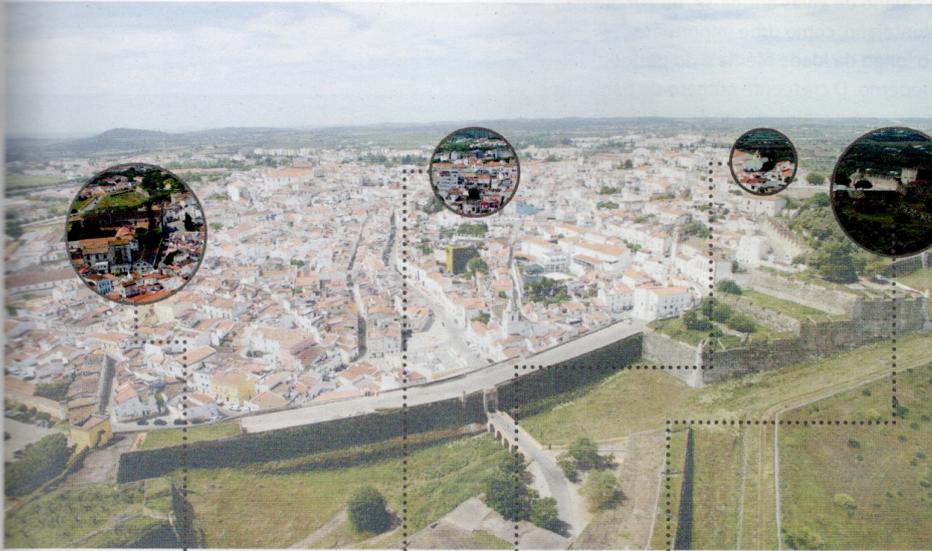
(8)
DUARTE DARMAS
E O ESCUDEIRO

(7)
MURALHA

(3)
ALMENARA

(4)
TORRE DO
RELOGIO





(5) CONVENTO DE SÃO DOMINGOS

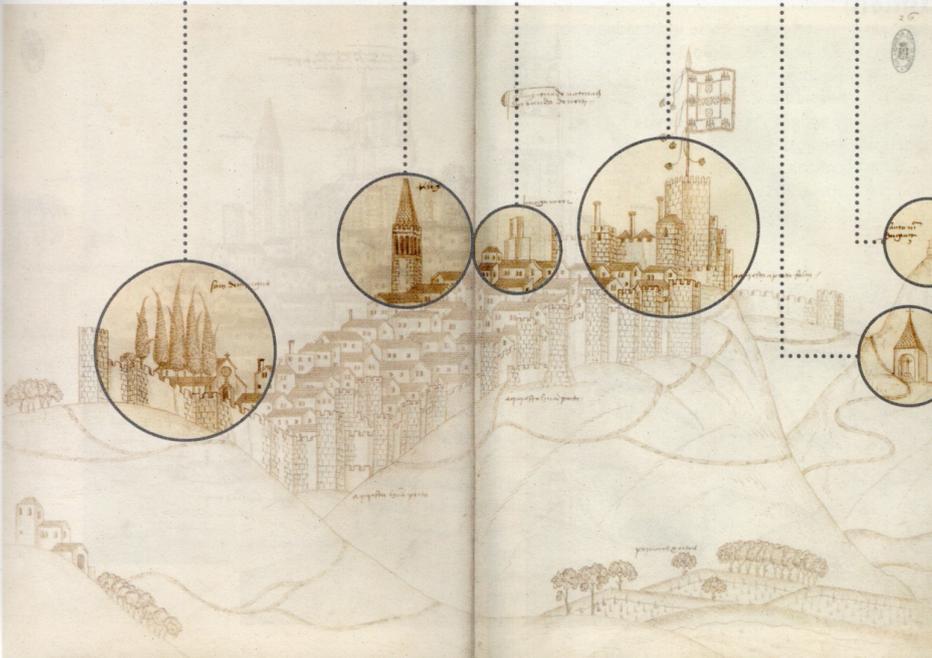
(4) TORRE DO RELÓGIO

(3) ALMENARA

(1) CASTELO

(6) CALVÁRIO

(2) SENHORA DA GRAÇA



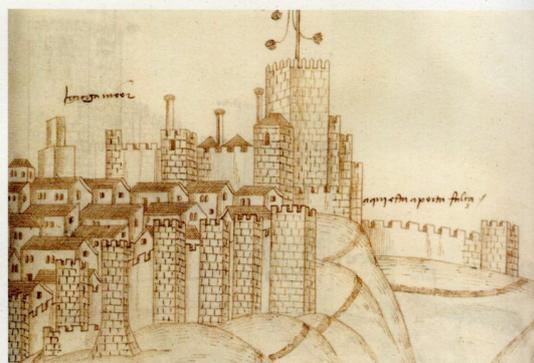
Elvas tirado natural, da banda do norte

A cidade de Elvas afirma-se, no panorama alentejano, como urbe importante ao longo da Idade Média e do período moderno. O crescente número de habitantes reflete essa realidade: de pouco mais de 7500 habitantes em 1527 (Collaço, 1929: 34), passa para perto de 9000 em 1758 (soma das freguesias da Alcáçova, Assunção, Salvador e São Pedro – Capela, 2019: 516, 533, 541 e 550).



CASTELO (1)

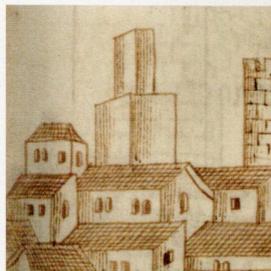
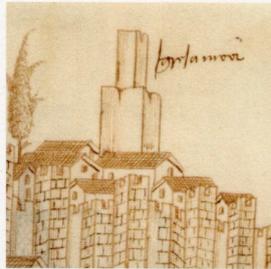
A imagem do castelo manteve-se inalterada ao longo de séculos. A descrição das Memórias Paroquiais diz-nos: «[refira-se o] Castello da mesma cidade com muros, e torres muito antigas, do qual se devisa a cidade de Badajos, Reyno de Castella, com o Rio Guadiana, que divide hum Reino do outro» (Capela, 2019: 516).





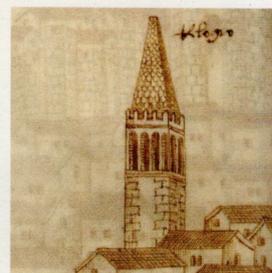
SENHORA DA GRAÇA (2)

O Forte da Graça começou a ser construído em 1763 (a ermida original foi construída no final do século XIV – Jesuíno, 2016: 56-57). Uns anos antes, a referência que se fazia ao local era compatível com o desenho quinhentista: «Fora extramuros desta cidade (...) tem mais a ermida de Nossa Senhora da Graça, no alto de huma serra» (Capela, 2019: 516).



ALMENARA (3)

O perfil da antiga almenara segue o modelo almóada, uma torre quadrangular, rematada por uma pequena estrutura, normalmente vazada. A memória da antiga aljama ainda não se apagara, no século XVIII: «esta igreja hé a mais antiga da cidade, foi mesquita de mouros» (Capela, 2019: 516). A sua conversão também não fora esquecida: «senhores os nossos do castello e misquita, que estava na parte mais alta, com as cerimonia da igreja a purificaram das immundices de Mafoma, e já igreja, a dedicaram ao Nascimento da Virgem Nossa Senhora» (Capela, 2019: 518. Ver ainda Jesuíno, 2016: 197-198).



TORRE DO RELÓGIO (4)

Não há referências nas Memórias Paroquiais ao relógio (Jesuino, 2016: 119), que poderia ter entretanto desaparecido do panorama de Elvas. Localizava-se nesta zona, perto do limite direito da imagem.



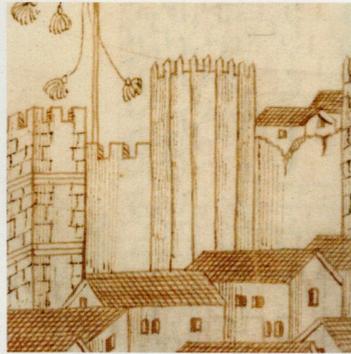
CONVENTO DE SÃO DOMINGOS (5)

«Tem esta freguezia dentro em si hum convento de religiosas dominicas com a invocaçam da Senhora da Conçolação, sugeitas aos religiosos da mesma Ordem» (Capela, 2019: 516).



CALVÁRIO (6)

Desaparecido.



MURALHA (7)

«Por cima do arco do Bispo corre, para o Norte, o muro antigo da villa quando os mouros possuíam esta terra. Nelle há duas pequenas torres quadrangulares em bom stado, que servem de passeio e recreação ao Prelado e sua família. E no fim deste muro junto à vedoria d'artelaria se acha huma torre peligona de formigão, ou terra argamassada, com tam grandes fendas, que parece ameaçar a ultima ruina, porem há muitos secculos se acha nesta forma. Junto das casas do juiz de fora e cadeia publica, por onde o mesmo muro se continuava, stá huma grande torre quadrangular, cujos apoentos inferiores servem tambem de cadeia, e os superiores de passeio e recreação dos juizes de fora» (Capela, 2019: 528).



DUARTE DARMAS E ESCUDEIRO (8)

JUROMENHA

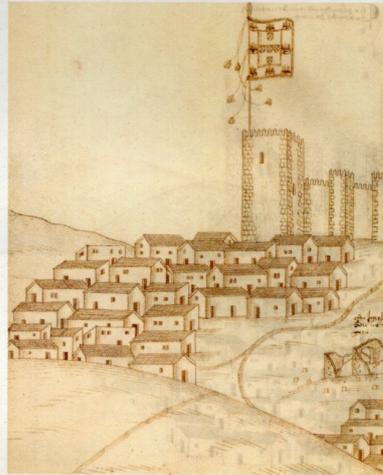
Vista à luz de Duarte Darmas e dos nossos dias, Juromenha parece um espelho quase perfeito. O sítio parou no tempo e as diferenças, a voo de pássaro, são menos do que se esperaria.

O castelo marca bem as duas vistas, de norte e de sul. É o pano de muralhas medievais que se destaca. Hoje, o conjunto fortificado apresenta-se em dois planos, com a fortificação mais antiga ainda presente, mas com as muralhas modernas a imporem-se, em primeiro plano.

A vista de norte mostra-nos a torre de menagem, à esquerda. Ou seja, no limite oriental da fortificação. As estruturas foram bastantes modificadas após a Restauração, tendo sofrido danos consideráveis em 1659, aquando de uma explosão do paiol de pólvora, que causou uma grande destruição (Pais, 2015: 17).

Para nordeste, estendia-se o povoado extramuros. No centro, via-se então – tal como hoje – a ermida de Santo António. À sua volta, organizava-se o espaço funerário de Juromenha, do qual se reconhecem várias lápides. O mau estado em que o edifício se encontrava é sublinhado pelo desenhador: «esta igreja se derybou no tempo da gera». Poderá Duarte Darmas estar, eventualmente, a aludir à Guerra de Sucessão de Castela, ocorrida entre 1475 e 1479. Do lado direito da imagem, a norte da localidade, surge outra pequena igreja, da qual não restam quaisquer vestígios. Nas cartas militares do século XVIII, é visível uma pequena igreja, situada a 300 metros do arrabalde. As Memórias Paroquiais não a mencionam, tal como não fazem referência à igreja de Santo António.

A vista a partir de sul é bem mais simples, destacando-se apenas as muralhas do castelo e a presença marcante do rio Guadiana.



BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, João de, 1943 – *Reprodução anotada do Livro das Fortalezas de Duarte de Armas*, Lisboa, Editorial Império.
- AZEVEDO, Pedro, 1900 – Auto d'uma posse do Castelo de Noudar e inventário do que lá existia no século XVI, in «O Archeólogo Português», Vol. V, Lisboa, 146-151.
- BARROCA, Mário, 2000a – *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*, vol. II, tomo I, s.l., Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- BARROCA, Mário, 2000b – *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*, vol. III, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- BARROCA, Mário, 2006 – *Terena, o castelo e a ermida da Boa Nova*. Lisboa, IPPAR.
- BARROCA, Mário, 2018 – «O Livro das Fortalezas de Duarte Darmas – contributo para uma análise comparativa dos manuscritos de Lisboa e de Madrid», in *Genius loci: lugares e significados, breves reflexões* (org. Lúcia Rosas et al.), vol. 2, Porto, CITCEM, p. 183-205.
- BOIÇA, Joaquim; BARROS, Maria de Fátima, 1995 – *As terras, as seras, os rios: as Memórias Paraquiais de 1758 do Concelho de Mértola*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- BRANCO, Manuel da Silva Castelo, 2006 – *Livro das Fortalezas – fac-simile do ms. 159 da Casa Forte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, 3.^a ed., Lisboa, Edições INAPA.
- BUCHO, Domingos, 2000 – *Herança cultural e práticas de restauração arquitectónica durante o Estado Novo (intervenção nas fortificações do Distrito de Portalegre)*, Dissertação de doutoramento em Conservação do Património Arquitectónico apresentada à Universidade de Évora, Universidade de Évora.
- CAPELA, José (et al.), 2019 – *As freguesias dos distritos de Castelo Branco, Portalegre e Olivença nas Memórias Paraquiais de 1758. Memórias, História e Património*, ed. dos autores, Braga.
- CARNEIRO, André, 2014 – *Lugares, tempos e pessoas: povoamento rural romano no Alto Alentejo*, vol. II, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- CATARRUNAS, João, 2015 – *Cidade de pólvora em tempos de guerra e de paz. Estratégia urbana e arquitectónica para Campo Maior*, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Departamento de Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- COELHO, André, s.d. – *Memória Paroquial da freguesia de Santa Maria, comarca de Beja* (doc. depositado na Câmara Municipal de Serpa).
- CID, Pedro, 2005 – «Castelo de Vide e o álbum de Duarte d'Armas: algumas notas», in *Revista Património Estudos*, n.º 8, Lisboa, IPPAR, Departamento de Estudos, p. 108-119.
- COLLAÇO, João MariaTello de Magalhães, 1929 – *Cadastro da população do reino (1527). Actas das comarcas Damte Tejo e Odiana e da Beira*, Lisboa.
- CORREIA, Fernando Branco, 2013 – *Elvas na Idade Média*, Lisboa, Universidade de Évora/CIDEHUS.
- CORREIA, José António, 2005 – *Freguesia de Santo Agostinho: histórias e memórias*, Moura, Junta de Freguesia de Santo Agostinho.
- CUNHA, Rui, 2003 – *As medidas da arquitectura – séculos XIII-XVIII. O estudo de Monsaraz*, Casal de Cambra, Caleidoscópio.
- DIAS, João José Alves, 2015 – *Livro das Fortalezas – manuscrito n.º 159, ca. de 1509, Arquivo Nacional da Torre do Tombo*, Casal da Cambra, Caleidoscópio.
- GALEGO, Júlia – *A comarca d'amte Tejo e Odiana no numeramento de 1527-1532*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.
- GAMEIRO, Pedro Matos, 2018 – *Azimute – aferição das orientações do Livro das Fortalezas de Duarte de Armas*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- GONÇALVES, José Pires, 1961 – «Monsaraz e seu termo (ensaio monográfico)», in *Boletim Anual de Cultura*, n.º 2, Évora, Junta Distrital de Évora, p. 1-158.
- JESUÍNO, Rui, 2016 – *Elvas – histórias do património*, Lisboa, Booksfactory.
- KEIL, Luís 1943 – *Inventário artístico de Portugal – distrito de Portalegre*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes.
- MACIAS, Santiago (et al.), 2016 – *Castelo de Moura. Escavações arqueológicas: 1989-2013 - textos*, Moura, Câmara Municipal de Moura.
- MOREIRA, Isabel Alves, 2013 – *Memórias Paraquiais da vila de Alandroal e seu termo (1758)*, Lisboa, Ed. Colibri / Câmara Municipal de Alandroal.
- OLIVAL, Maria Fernanda, s.d. – *Mourão – Nossa Senhora das Candeias*, in <http://www.cidehusdigital.uevora.pt/portugal1758/memorias/mourao-nossa-senhora-das-candeias>.
- OLIVAL, Maria Fernanda, s.d. – *Reguengos de Monsaraz – Santiago*, in <http://www.cidehusdigital.uevora.pt/portugal1758/memorias/reguengos-de-monsaraz-santiago>.
- OLIVAL, Maria Fernanda - *Serpa – Santa Maria* in <http://www.cidehusdigital.uevora.pt/s/portugal1758/memorias/serpa-serpa-santa-maria/>
- OLIVEIRA, José Augusto, 2011 – *Castelo de Vide na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Castelo de Vide, 2011.
- PAIS, Ana Cristina (et al.), 2015 – *Arte sacra no concelho de Alandroal – inventário artístico da arquiocese de Évora*, Évora, Fundação Eugénio de Almeida.
- PÁSCOA, Marta, 2003 – *Memórias paraquiais da vila de Moura e seu termo*, Moura, Câmara Municipal de Moura, 2002.
- PEREIRA, Paulo, 2012 – *A «fábrica» medieval. Concepção e construção na arquitectura portuguesa (1150-1550)*, Dissertação de doutoramento em Arquitetura defendida na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.
- SERRÃO, Vítor (et al.), 2015 – *Alpalhão: património histórico e artístico*, Alpalhão, Liga dos Amigos de Alpalhão.
- TORRES, Cláudio (et al.), 2014 – *Mesquita Igreja Matriz*, in «Museu de Mértola – catálogo geral» (coord. Susana Gómez-Martínez), Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, p. 131-143.
- TRINDADE, Diamantino, 1981 – *Castelo de Vide. Arquitectura religiosa – subsídios para o estudo das riquezas artísticas em Portugal*, vol. I, Lisboa, Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- VIEIRA, Rui Rosado, 1987 – *Campo Maior – Vila Quase Cidade (Séculos XVI e XVII)*, Campo Maior, Câmara Municipal de Campo Maior.

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Duarte Darmas: do cálamo ao drone

TEXTO

Santiago Macias
Fernando Branco Correia (Elvas)

FOTOGRAFIAS

Santiago Macias
Daniel Capa (drone)
Orlando Fialho (Carmo, p. 88 e brasão, p. 89)
Alberto Frias (Criptopórtico, p. 66)
Rui Ferreira (Castelo, p. 88)

DESIGN GRÁFICO

TVM Designers

IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro

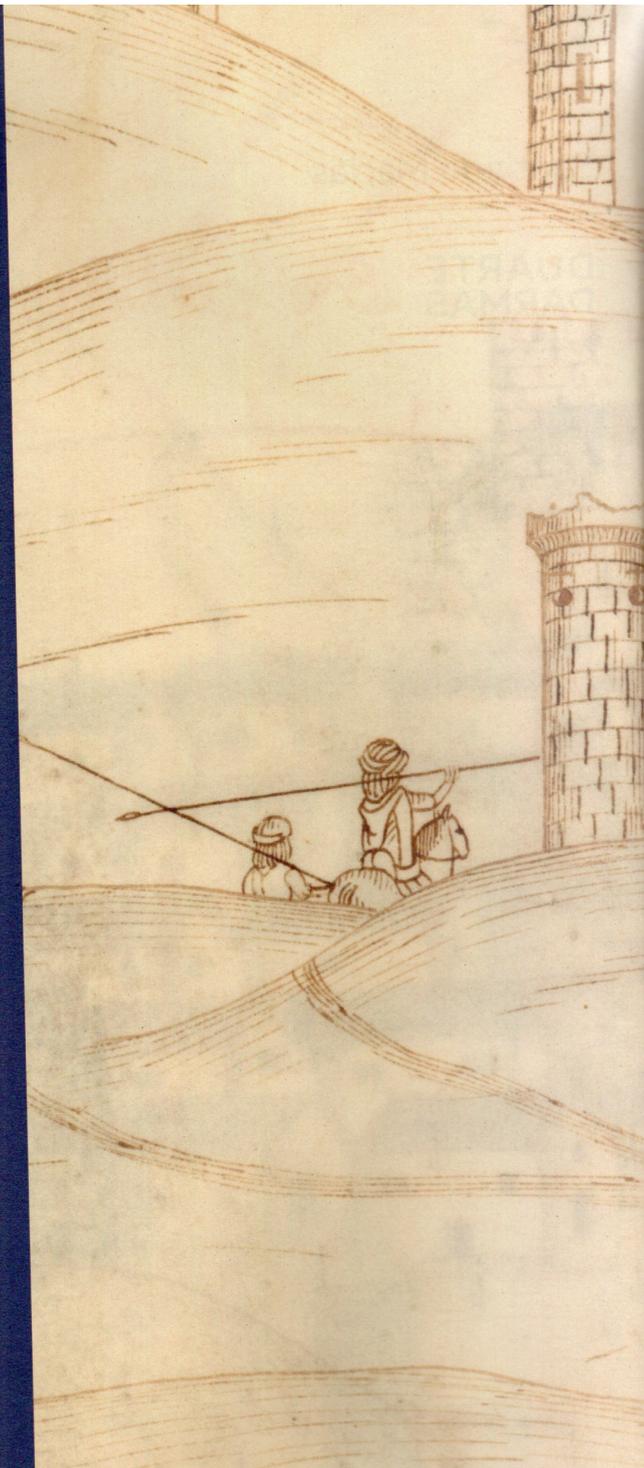
TIRAGEM 1500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL 491428/21

EDIÇÃO

MultiCulti – Culturas do Mediterrâneo

© MultiCulti 2021



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Duarte Darmas: do cálam ao drone

TEXTO

Santiago Macias
Fernando Branco Correia (Elvas)

FOTOGRAFIAS

Santiago Macias
Daniel Capa (drone)
Orlando Fialho (Carmo, p. 88 e brasão, p. 89)
Alberto Frias (Criptopórtico, p. 66)
Rui Ferreira (Castelo, p. 88)

DESIGN GRÁFICO

TVM Designers

IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro

TIRAGEM 1500 exemplares

DEPÓSITO LEGAL 491428/21

EDIÇÃO

MultiCulti – Culturas do Mediterrâneo

© MultiCulti 2021

